

Imagens de si, escritas sobre o(s) Outro(s): uma análise do relato da viagem ao Brasil de Simone de Beauvoir

Images of self, reports of other(s): an analysis of Simone de Beauvoir's brazilian travel report

Thainã Teixeira Cardinalli

Doutoranda em História pela UNICAMP

Bolsista CNPq

thainacardinalli@gmail.com

Resumo: Este artigo tem por objetivo compreender o relato da viagem ao Brasil de Simone de Beauvoir disposto na obra *A força das coisas* (1963). Apresento, primeiramente, as tensões entre vida e obra que marcaram a produção beauvoriana e de que forma elas operam nas construções de si elaboradas nas autobiografias. Em seguida, me concentro na exposição da narrativa de sua viagem realizada em 1960, na companhia de Jean-Paul Sartre que tinha o intuito de divulgar a campanha revolucionária de Cuba e o movimento de libertação argelino. Por fim, à luz dos trabalhos de Annabelle Golay (2013) e Manon Garcia (2018), destaco o processo de escrita das autobiografias como um fator fundamental para entendermos as imagens de si de Beauvoir e, sobretudo, os termos, expressões e visões críticas que estruturam o relato do Brasil.

Palavras-chave: Relatos de viagem; Simone de Beauvoir; Brasil (História); Autobiografia.

Abstract: This article's goal is to comprehend Simone de Beauvoir's brazilian travel report present in *A força das coisas* (1963). Firstly, I present the tensions between the author's life and work and in which ways they operate the constructions of the self in her autobiographies. Then, I focus in the narrative presentation of her 1960 trip, accompanied by Jean-Paul Sartre, who wanted to divulge the cuban revolutionary campaign and the argelian freedom movement. At last, following the works of Annabelle Golay (2013) and Manon Garcia (2018), I highlight the process of autobiographical writing as a fundamental factor to understand the philosopher's imagery of self and, more importantly, the terminology, expressions and critique visions that structure her report about Brazil.

Keywords: *Travel reports; Simone de Beauvoir; Brazil (History); Autobiography.*

A estreita relação entre vida e obra por diversas vezes tornou-se sinônimo da produção de Simone de Beauvoir. Suas escolhas, decisões, desejos pessoais e projetos profissionais estariam expostos e/ou explicados, seja nas suas obras ficcionais ou

autobiográficas, seja nas suas reflexões político-filosóficas. Formas de pensar a trajetória da autora que se desencontram das interpretações do público leitor. A pesquisadora Ingrid Galster, ao mapear a recepção na imprensa francesa das publicações póstumas de Beauvoir¹, observa o estranhamento dos leitores com as narrativas encontradas nos diários de juventude e nas correspondências trocadas com seus amantes, Nelson Algren e Jacques-Laurent Bost. Acostumados com imagens da autora compromissada intelectual e politicamente com a corrente existencialista, engajada com pautas feministas e companheira de Jean-Paul Sartre, espantaram-se ao saber dos seus relacionamentos homossexuais e dos detalhes íntimos de suas relações extraconjugais confidenciais com Sartre; bem como chocaram-se com a banalidade de sua vida no decorrer dos anos 1930: idas à cafés, hotéis, agências de correios onde recebia e enviava cartas e ao liceu em que ministrava seu curso de filosofia (GALSTER, 2007, p. 254). As correspondências com Algren² suscitaram ainda variadas reações: seus leitores ora a criticaram pela forma submissa como escrevia ao amante, chamando-o de “*petit mari*”, enquanto se identificava como “[sa] *femme pour toujours*”; ora enalteciam o seu lado romântico exposto em cartas “perdidamente apaixonadas” (POISSON, 2012, p. 118).

O estranhamento dos leitores com as imagens de Beauvoir divulgadas nas obras póstumas aventa para um descompasso entre vida e narrativa, como também nos incita a questionar a importância do relato pessoal ao longo de sua produção. Segundo a historiadora Eliana Calado, dos vinte e sete livros de Simone de Beauvoir conhecidos até o momento (2011), doze são narrativas autorreferenciais (CALADO, 2012, p. 23). Dado que nos indica um exercício constante de produção e reinvenção de si elaborado nos mais diversos gêneros textuais. Além das narrativas pessoais dispostas em cartas, diários e autobiografias, também retratou fatos de sua vida em textos ficcionais. A título de exemplo lembro a obra *L'invitée* (1943), romance existencialista, cujas personagens Françoise e Pierre se inspiram na figura de Simone e Sartre³; ou ainda do famoso livro *Mandarins* (1954) que narra a história de um grupo de intelectuais franceses no período do pós-Guerra e cujos protagonistas se assemelham à Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Nelson Algren e Simone de Beauvoir.

São experiências pessoais que ao serem expostas em diversos gêneros textuais, exigem da autora inúmeras estratégias para remontá-las e, sobretudo, articulá-las com as intenções de cada livro. Ao trazer fatos de sua vida para compor os enredos ficcionais ou ainda ao tratar de certos acontecimentos e silenciar outros – conforme as publicações póstumas revelaram –, percebe-se que sua trajetória pessoal não é

1 Suas obras póstumas organizadas com o auxílio de Silvie Le Bon são: *Journal de Guerre (septembre 1939 – janvier 1941)* (1998), *Lettres à Nelson Algren: Un amour transatlantique (1947-1964)* (1997), *Correspondance croisée (1937-1940)* - Simone de Beauvoir, Jacques-Laurent Bost (2004), e *Cahiers de jeunesse (1926-1930)* (2008).

2 Correspondências trocadas entre ela e Nelson Algren por quase trinta anos (1947-1964), porém sua publicação data apenas da década de 1990.

3 Catherine Poisson, no livro *Sartre et Beauvoir: du je au nous* (2002), busca compreender nas obras dos dois autores franceses a construção de sua relação intelectual tanto quanto amorosa. Em específico no romance *L'invitée*, a imagem do “*nous*”, ou melhor, do casal se revela por meio da transparência entre Françoise e Pierre no que tange seus sentimentos pela personagem Xavière – que se assemelha a figura de Olga, ex-aluna de Beauvoir, na vida real. Clareza de sentimentos entre as personagens que em diversas passagens das autobiografias de Simone é reafirmada como uma característica de seu relacionamento com Sartre.

retratada de forma ingênua, muito menos, descompromissadamente; ao invés disso, faz parte de um projeto. Projeto de escrita que, como pontua Adélaide Morky, visa uma reapropriação de si como também tem o intuito de legitimar a sua história de vida (MORKY, 2018, p. 39). Para a autora no artigo *Division, valorisation, réappropriation* (2018), a escrita memorialística possibilita Beauvoir se reconectar com si própria e com o conjunto de sua obra. É através do ato de escrita que pode justificar os trabalhos teóricos, ao mesmo tempo em que estes ganham novos sentidos com as autobiografias. E continua Morky, “*Mais par ce geste, d’ordre performatif, Beauvoir construit également une autorité littéraire. Elle montre ainsi qu’elle peut se réapproprier son histoire par l’écriture et offrir un objet littéraire allant au-delà d’une simple expression du monde*” (2018, p. 35)⁴.

Se, para Morky, o momento de escrita garante à Beauvoir o entendimento e domínio de sua história de vida, pode-se pensar que essa distância entre as experiências vividas e a narrativa delas torna-se fundamental para observar a estrutura de suas obras autobiográficas. Distância, aliás, necessária à escrita tanto quanto para a sua formação pessoal. Cabe lembrar que a confecção das autobiografias ocorreu após a publicação d’*O Segundo Sexo* (1949) e d’*Os Mandarins* e marcou um momento particular de sua trajetória, o reconhecimento intelectual e profissional. Por outro lado, estes registros pessoais acompanharam, igualmente, seus desejos confidenciais em correspondências a Sartre e Algren e em entrevistas, de revelar-se a si própria, explicar suas escolhas assim como de “fazer balanços da sua experiência, [e] contar a sua vida de acordo com a sua perspectiva” (CALADO, 2012, p. 23). São, desse modo, aspirações pessoais, processo de escrita e momento pessoal e profissional pelo qual atravessava, que lhe demandam um olhar seletivo ao passado a fim de expor, desvelar, explicar essa mulher-filósofa-escritora-intelectual do presente.

Intenções e particularidades que circundam a sua produção autobiográfica e que serão exploradas no decorrer deste artigo, de forma a tensionar e ampliar as fronteiras entre vida e obra. Seguindo as análises de Annabelle Golay (2013) e Manon Garcia (2018), mostrarei que Simone de Beauvoir define a si própria no ato de escrita e é por meio deste processo que instaura forma(s) de leitura de suas produções tanto quanto de sua atuação no presente. Não ao acaso, seus leitores espantaram-se com as imagens vindas com as publicações póstumas, pois acreditavam na íntima relação construída entre as propostas políticas defendidas nos seus textos e os acontecimentos de sua vida narrados nas autobiografias. Não podemos deixar de sublinhar, no entanto, que Beauvoir era autora de romances e estava familiarizada com técnicas de linguagens, quando inicia suas memórias. Recursos que lhe possibilitaram convencer o público a acreditar nas imagens produzidas sobre si assim como os conduzir a reler sua trajetória e seu projeto de vir a ser.

Com intuito de explorar tal hipótese, trago alguns trechos de seu relato da viagem ao Brasil, em 1960, disposto no terceiro volume da autobiografia *A força das coisas* (1963). Nele, narra os percursos realizados pelo país, descreve seus anfitriões e as cidades visitadas assim como tece comentários e críticas sobre os fatos observados. Por meio desta narrativa pretendo observar de que forma a autora tece suas imagens

4 Tradução livre do trecho: “Mas por este gesto, de ordem performativa, Beauvoir constrói, igualmente, uma autoridade literária. Ela mostra como pode reapropriar-se de sua história pela escrita e [ao mesmo tempo] oferecer um objeto literário que vai além de uma simples expressão do mundo”.

de si e como elas dialogam com as preocupações inscritas no momento de produção dos livros autobiográficos.

Relatos de viagem ou relatos de si? A viagem ao Brasil de Simone de Beauvoir

À exceção das viagens realizadas aos EUA no final da década de 1940 e à China, em 1955, sobre as quais publicou os livros *L'Amérique au jour le jour* (1948) e *La longue marche* (1957), respectivamente, seus deslocamentos por mais de trinta países⁵ são sinalizados e/ou descritos no decorrer de sua produção autobiográfica. Para Tiphaine Martin, as viagens tornaram-se essenciais na reconstituição da vida da autora e, particularmente, na sua escrita memorialística: por meio delas Beauvoir mostrava aos leitores como foi adquirindo sua autonomia seja pessoal, seja profissional (2012, p. 13). Viagens realizadas sozinhas ou na companhia de amigos e amantes, a lugares distantes ou pelo interior da França, ou ainda com o auxílio de carros, trem ou avião. São percursos, aventuras e companhias que seriam fundamentais para um determinado momento de sua vida e importantes para a compreensão de sua independência. E continua Martin, "*La géographie beauvoirienne est tissé de noms : noms de pays, de villes, de monuments, mais aussi noms de personnes. Ce n'est pas seulement un espace précis que Beauvoir visite, c'est également une géographie animée par des (souvenirs de) présences humaines rattachés à propre vécu*" (2012, p. 372)⁶.

Em sua análise, Martin nos sugere um estreito vínculo entre os deslocamentos de Beauvoir e a formação de sua personalidade. Perspectiva que pretendo acompanhar com a narrativa de sua viagem ao Brasil. Assim como grande parte de suas descrições de viagem, este relato está disposto num de seus livros autobiográficos. Dessa forma, atravessa uma série de questionamentos pessoais e interpretações da autora acerca dos eventos históricos que marcaram os anos antecedentes a publicação de *A força das coisas*⁷. Por entre problemas pessoais, incertezas quanto aos textos teatrais de Sartre, notícias do conflito na Argélia e do movimento revolucionário cubano, críticas às políticas de Charles de Gaulle, então presidente francês, e comentários sobre os livros e filmes que tinha acesso, a filósofa recria em quase oitenta páginas uma minuciosa narrativa do seu percurso pelo território brasileiro. Viagem, aliás, realizada na companhia de Sartre que participaria do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária no Recife.

Apesar da viagem de ambos os escritores ser motivada pelos compromissos profissionais de Sartre, Simone de Beauvoir, na posição de acompanhante-esposa

5 Segundo a catalogação de Tiphaine Martin, a filósofa francesa viajou aos seguintes países ao longo de sua vida: Argélia, Alemanha, Armênia, Áustria, Bélgica, Brasil, Cuba, Dinamarca, Escócia Egito, Espanha, Estônia, Finlândia, Grécia, Guatemala, Holanda, Inglaterra, Islândia, Israel, Itália, Japão, Letônia, Lituânia, Macedônia, Marrocos, México, Noruega, Palestina, Polônia, Portugal, Suécia, Suíça, Tchecoslováquia, Tunísia, Turquia, URSS, Venezuela e Iugoslávia (2012, pp. 45-49).

6 Tradução livre do trecho: "A geografia beauvoiriana é entrelaçada a nomes: nomes de países, cidades, monumentos, mas também nomes de pessoas. Não é somente um espaço preciso que Beauvoir visita, é igualmente uma geografia animada pelas (lembranças de) presenças humanas relacionadas à própria experiência".

7 Beauvoir publicou quatro livros autobiográficos intitulados *Memórias de uma moça bem-comportada* (1958), *A força da idade* (1960), *A força das coisas* (1963) e *O balanço final* (1972), que acompanham, de forma sequencial a sua história de vida. Assim, a primeira obra trata de sua infância e juventude, a segunda narra os acontecimentos vividos entre 1929 e 1945, a terceira continua do fim da Segunda Guerra Mundial até 1963 e, por fim, a última autobiografia reúne reflexões elaboradas nos anos antecedentes a sua publicação.

– conforme era identificada nos jornais brasileiros – também ministrou palestras e o acompanhou em eventos universitários e conferências abertas à comunidade. Ao contrário das viagens, por exemplo, à URSS (1955, 1962-1966), China (set-nov. de 1955) e Cuba (fev. de 1960), as quais Sartre e Beauvoir receberam incentivo do governo local na organização de seus roteiros, hospedagens e compromissos oficiais⁸; a viagem ao Brasil não teve apoio das autoridades políticas. Ciceroneado por Jorge Amado e Zélia Gattai e pela intelectualidade próxima ao escritor baiano, o casal francês, mas, sobretudo, Sartre adentrou o país com a prerrogativa de realizar campanha política a favor da libertação da Argélia do domínio francês e da Revolução Cubana, que ocorrera alguns meses antes.

Num momento em que o mundo estava dividido entre o bloco comunista e as nações capitalistas, os intelectuais tornaram-se um grupo importante frente a estas disputas políticas provenientes da Guerra Fria. Se anteriormente as notícias sobre as atrocidades cometidas pelo governo de Stalin e a descoberta de seus campos de trabalho forçado, intelectuais ligados à esquerda como Amado e Sartre apoiavam abertamente o regime da URSS, tal postura se altera ao longo da década de 1950. No entanto, a preocupação com a atuação dos escritores no combate às desigualdades sociais e na resolução de conflitos políticos se mantém nas produções de ambos os escritores. Temas como literatura engajada e papel social do escritor, por exemplo, tangenciavam a obra de Sartre desde os anos 1940. No seu livro *Que é a literatura?* (1947) trata da função da literatura e conseqüentemente, do escritor: não lhes cabia descrever problemas individuais ou isolados, ao contrário, deveriam retratar situações, cenas e experiências vivenciadas pelo povo. Lembro ainda de outros intelectuais franceses que dialogavam com Beauvoir através da revista *Les Temps Modernes*, tais quais Albert Camus, Raymond Aron, Louis Aragon e mais os escritores católicos reunidos em torno da revista francesa *Esprit*, que desde o final da Segunda Guerra Mundial se preocupavam com o engajamento do escritor e sua relação com movimentos políticos (APPOLLONIA, 1991, p. 19).

Se, nos textos e ensaios filosóficos de Simone de Beauvoir publicados no começo de sua carreira, o tema do engajamento do escritor era pouco enfatizado, visto que sua preocupação direcionava-se para o debate e a exposição da filosofia existencialista, tal postura se altera ao longo de sua vida e, particularmente, com a eclosão do confronto argelino (1954-1962). Ela e Sartre atuaram na produção de manifestos e comunicados à imprensa alertando sobre a situação da colônia francesa, bem como ofereceram ajuda aos membros do *Front de Libération Nationale* (FNL). Beauvoir, inclusive, participou e escreveu sobre o julgamento de Djamilia Boupacha, uma militante do FNL que foi presa, torturada e violentada pelo exército francês. Em relação às pautas feministas, a qual se associa a trajetória da filósofa, somente a partir dos anos 1970 tem-se uma participação ativa na luta pela emancipação da mulher. Sua preocupação com as

8 Cabe lembrar que a URSS financiou, sobretudo no período que recobre o fim da Segunda Guerra Mundial e até meados da década de 1960, à ida de intelectuais, líderes sindicais e representantes partidários para conhecer os países que integravam o bloco comunista. Jorge Amado, por exemplo, foi um dos escritores brasileiros que durante seu exílio na década de 1940, recebeu o convite para conhecer a URSS, Mongólia e China. Sobre a viagem de escritores brasileiros à URSS sugiro a leitura da Tese de Raquel Torres, *Transpondo a cortina de ferro: relatos de viagem de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)*.

lutas sociais e de gênero surgem de acordo com as demandas e discussões vindas do cenário político o qual estava inserida. E conforme salienta Martin, são questões que também orientam o seu olhar nas viagens:

[...] *La prise de conscience politique transforme le regard de la voyageuse, il lui donne également des responsabilités. Lors de ses déplacements et après ceux-ci, elle ne peut pas dire, faire, puis écrire comme elle le désire : les mots ont un poids, les actes aussi.* (MARTIN, 2012, p. 304)⁹

Atravessada por esta “tomada de consciência” da autora e pelas preocupações com os conflitos coloniais e com o seu papel político, a narrativa da viagem ao Brasil nos revela, justamente, escolhas de palavras, expressões e perspectivas sobre o que registrar e de que forma transmitir suas inquietações ao público leitor. São relatos que, ao invés de apresentarem impressões de sua primeira estadia nos trópicos, enfatizam dados socioeconômicos e/ou históricos dos lugares visitados, o que contribui para reforçar suas visões críticas. Tiphaine Martin nota tal recurso narrativo, ao observar que no decorrer das autobiografias, relatos de lugares pitorescos ou ainda de detalhes da natureza perdem espaço para análises políticas e sociais e informações estatísticas, como é o caso de São Paulo (2012, p. 303). A breve passagem pela capital paulista não passa despercebida da narrativa do Brasil; pelo contrário, Beauvoir opta por descrevê-la em sintonia com dados recolhidos durante ou posteriormente a viagem. Nas suas palavras:

De 1900 a 1960, [São Paulo] passara de 80 mil para 3 milhões e meio de habitantes, e ainda não acabara de se construir: havia por toda parte prédios inacabados. Observamos, entretanto, que os pedreiros trabalhavam lentamente e, em certas obras, simplesmente não trabalhavam: a enorme inflação a que o país fora arrastado acarretava uma recessão; muitos empreendimentos eram abandonados. (...) Há uma zona residencial muito rica: jardins coloridos, casas de estilo colonial, mansões ultramodernas. Há também favelas; falava-se muito do diário mantido por uma negra, Carolina, que descrevia com rudeza seu dia-dia, a vida de sua favela (...). (BEAUVOIR, 1995, p. 471)

A descrição de São Paulo não destoa de outras narrativas da cidade¹⁰ produzidas por literatos, cronistas e/ou viajantes, dentre os quais destacaria o relato de viagem do antropólogo francês, Claude Lévi-Strauss, disposto no livro *Tristes Trópicos* (1955). Para além da semelhança das descrições de Beauvoir, que pouco contribui com novas percepções sobre a capital paulista, me interessa ressaltar sua escolha por reproduzir tais imagens e o modo como as articulou com o conjunto da narrativa.

Pulsa em seu olhar as contradições de São Paulo: crescimento e desigualdade, bairros ricos e favelas. Desigualdades sociais e econômicas que lhe chamam a atenção também nas visitas a Recife, Salvador, Rio de Janeiro e, à recém-construída capital do país, Brasília. São cidades que, apesar de seus encantos culturais ou naturais, compartilham do mesmo problema: a pobreza e miséria de seus habitantes. Na capital carioca, por

9 Tradução livre do trecho: “A tomada de consciência política transforma o olhar da viajante, lhe dá, igualmente, responsabilidades. No momento de seus deslocamentos e depois deles, ela não pode dizer, fazer e ainda escrever como deseja: as palavras têm um peso, os atos também”.

10 Sobre as imagens da cidade de São Paulo construídas ao longo do século XX, sugiro a leitura do artigo de Maria Stella Bresciani, *Imagens de São Paulo: estética e cidadania* (1996).

exemplo, o esplendor da orla e das montanhas entrecortadas pelo mar e pelas longas avenidas não escondem, aos seus olhos, a situação ruim e degradante dos habitantes das favelas. Nelas, abrigam-se “camponeses famintos que vêm frequentemente de muito longe, tentar a vida na cidade [e] amontoam-se nos terrenos que os proprietários deixam abandonados: pântanos e outeiros rochosos”, e continua Simone, “quando acabam de construir uma choça com tábuas, papelão e pedaços de zinco, as autoridades não se acham mais no direito de expulsá-los. No próprio coração do Rio, sobre os morros abruptos, as favelas pululam” (1995, p. 462).

Nestes registros preocupados em relatar o que viu pelo território brasileiro, Beauvoir deixa escapar na sutileza de suas palavras, incômodos e opiniões críticas: “camponeses famintos”, “prédios inacabados” e “a enorme inflação”. Recurso linguístico que se interpõe a dados históricos e estatísticos, e fazem com que os leitores confiem na veracidade na narrativa e, sobretudo, nas posturas políticas da autora frente às cenas expostas. Como, por exemplo, não indignar-se com a situação de uma comunidade do Rio de Janeiro que vivia entre “miséria, sujeira e doenças” (1995, p. 462)? Ou ainda, como vislumbrar a nova capital do país, se lá a “segregação social é mais radical (...) do que em qualquer outra cidade, pois há “blocos” luxuosos, outros medíocres, outros modestíssimos: seus habitantes não se misturam, crianças ricas não se sentam com as pobres nos bancos escolares; nem no mercado, nem na igreja (...)” (1995, p. 481, grifos meus).

Pode-se observar esse estreito laço entre as posturas políticas da filósofa francesa, ou melhor, as imagens construídas de si, e as narrativas dos lugares visitados também através das descrições de suas atividades no Brasil. Trago a título de exemplo o relato de sua palestra sobre a condição da mulher. Proferida na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, sua conferência contou com um público majoritariamente feminino e proveniente de uma classe abastada. A fim de compreender a falta de interesse de seus espectadores frente aos temas tratados, Simone discorre sobre a situação das mulheres brasileiras que varia de acordo com cada região: enquanto no nordeste, “uma moça – mesmo que viva numa favela – não tem qualquer possibilidade de se casar se não for virgem”, nas cidades do sudeste a situação era mais “liberal” (1995, p. 473). O divórcio, por sua vez, era um assunto inexistente aqui: “se um homem e uma mulher, sendo um deles casado, decidem viver juntos, anunciam isto no jornal. São considerados nos meios mais puritanos como um casal legítimo, e seus filhos têm direito ao nome e à herança do pai”, no entanto se a mulher deixa o lar, “perde todo o direito sobre os filhos” ou ainda se o esposo morre, corre o risco de não receber a herança, caso ele não tenha oficializado a união (1995, p. 473).

Ao longo de seu relato do Brasil, outros trechos caberiam aqui para elucidar de que modo Beauvoir transpõe suas posições, vontades e imagens nas narrativas de viagem. Sobreposições que se revelam por meio de recursos linguísticos quanto tanto da construção da personagem que adentra o país: uma intelectual vinda de um país de primeiro mundo e disposta a conhecer a realidade de uma nação “subdesenvolvida, semicolonizada”, identificada pelas lutas entre os trabalhadores urbanos e rurais e pela divisão racial, e cujas práticas culturais e religiosas não amenizavam a miséria e fome de sua população.

Importante pontuar que este tom crítico e preocupado atrelado ao relato do Brasil se constrói no ato de escrita. Embora o engajamento de Beauvoir e Sartre com

a questão argelina e a revolução cubana perpassem as ações de ambos os escritores neste momento; e também os lugares visitados aqui, ao serem indicados pelo casal Amado, já nos sugeriria determinados ângulos e pontos de vistas sobre o Brasil; cabe ressaltar que o relato desta viagem se insere dentro de uma produção autobiográfica, de construção de si. Assim seus deslocamentos vão além de moldar as atitudes e temperamentos da autora no presente – perspectiva aventada pela tese de Martin; eles, no entanto, assumem tais funções somente no ato de escrita, quando os articula a sua história, aos seus escritos filosóficos, as intenções da produção autobiográfica e ao seu projeto de vir a ser.

Conforme o título do terceiro volume de sua autobiografia sugere, há uma preocupação em entender as consequências dos eventos históricos e políticos na sua trajetória, ou melhor, compreender a força das coisas sobre sua vida. Ao contrário de *Memórias de uma moça bem-comportada* em que a narrativa se constrói em torno de descobertas e questões familiares vividas pela jovem Beauvoir, ou *d'A força da idade* que atravessa os anos de sua formação universitária e o período da Segunda Guerra Mundial; o terceiro volume insere a autora dentro de seu tempo histórico. Para realizar tal processo, Jean-Louis Jeannelle nos recorda que Beauvoir recorreu às correspondências com Sartre, sua mãe e irmã, aos seus diários, no qual reproduziu na íntegra apenas dois trechos, um de 1946 e outro de 1958, das anotações de seu companheiro e dos ensaios históricos de Alexander Werth, *La France depuis la guerre* (JEANNELLE apud BEAUVOIR, 2018, pp. 1395-1398). Os manuscritos foram ainda lidos e comentados pelos correspondentes intelectuais, como continua Jeannelle:

À son retour, le 13 janvier 1963, s'ouvre une période de réécriture sur les conseils en particulier de Bost et plus encore de Sartre (qui le soir relit avec elle et rééquilibre notamment la seconde partie). En effet, avec l'entrée dans la guerre d'Algérie, le balancement jusqu'alors respecté entre sphère intime et sphère collective s'est vu bouleversé: le conflit en Algérie, le retour triomphal du général de Gaulle au pouvoir, enfin l'équilibre de la terreur à l'international ont provoqué une inflation déportant le récit du côté de la chronique ou de l'essai. (2018, p. 1398)¹¹

Neste processo de escrita, cabe destacar, primeiramente, a interferência de recursos externos, seja do corpo documental recorrido, seja da leitura de seus colegas intelectuais, na elaboração de suas memórias. Em seguida, saliento, como nos indica a afirmação de Jeannelle, que havia uma diferenciação entre esfera íntima e esfera coletiva em suas autobiografias; divisão que pode ser explicada pela estrutura de seus livros memorialísticos: uma narrativa que apresenta o desenvolvimento emocional e profissional de Beauvoir. Por outro lado, tal movimento entre vida privada e acontecimentos histórico-políticos se concretiza, sobretudo, nesta produção. Nela, a filósofa dispõe de uma série de eventos – Pós-guerra, Guerra Fria, conflito argelino, governo de Charles de Gaulle, e a publicação *d'O Segundo Sexo, Os Mandarins* e dos

11 Tradução livre do trecho: "Ao seu retorno, no dia 13 de janeiro de 1963, se abre um período de reescrita de acordo com os conselhos, em particular de Bost e ainda de Sartre (que na noite rel com ela e reequilibra, sobretudo, a segunda parte). De fato, com a entrada da Guerra da Argélia, o balanço até então respeitado entre a esfera íntima e a esfera coletiva, virou do avesso: o conflito na Argélia, o retorno triunfal do general de Gaulle ao poder, [e] finalmente o equilíbrio do terror internacional provocaram uma inflação que desvia o relato para o lado da crônica ou do ensaio".

dois primeiros tomos de sua autobiografia, que ainda rendiam comentários e críticas na imprensa francesa –; fatos, portanto, que já atravessavam a sua vida enquanto escrevia as outras autobiografias e que, no entanto, tornam-se fundamentais neste livro para justificar suas ações e reafirmar aos leitores imagens de si como mulher, escritora, intelectual, companheira de Sartre, amante, ativista política, feminista e filósofa.

Reconstituir sua existência individual em sintonia com fatores de cunho social, político e econômico, para Manon Garcia, vai ao encontro da filosofia existencialista defendida por Beauvoir. Sob a tese sartreniana de que a “existência precede à essência”, o existencialismo entende que o “*être humain est fondamentalement libre et est, par conséquent, en mesure d’inventer librement son essence par l’existence qu’il mène*”¹² (GARCIA, 2018, p. 59). Dito de outro modo, o existencialismo compreende que é por meio de nossa existência, de nossos atos que nos definimos; não existiria uma essência, um *modus operandi* dado *a priori* aos indivíduos. Dessa forma alia vida e filosofia, uma vez que nossa leitura do mundo é indissociável da forma como vivemos nele e o apreendemos subjetivamente (2018, p. 61). Ilustra tal perspectiva com a experiência de Sartre e Beauvoir durante a Segunda Guerra; acontecimento, aos seus olhos, essencial na trajetória intelectual e política de ambos os escritores, bem como importante para que pudessem repensar os conceitos de moralidade e liberdade, e os atualizar de acordo com as demandas presentes.

Se, na análise de Garcia, a primeira dimensão teórica das memórias de Beauvoir relaciona-se com uma das proposições da corrente existencialista: o ato de apresentar a sua existência e entendê-la à luz dos acontecimentos que marcaram cada período de sua vida; a segunda direciona-se a forma como esta história de vida é narrada. Descrever lugares, pessoas e eventos que já não existem mais, é um desafio ao longo de sua produção, sobretudo, no que tange as estratégias discursivas mobilizadas para tratar da contingência e ambiguidade, termos intrínsecos à própria vida e extensivamente trabalhados nos romances de Beauvoir. Outro elemento que atravessa a construção do texto memorialístico e instiga Garcia é a investigação de como a filósofa lidou com as armadilhas do gênero autobiográfico: a particularização da história narrada. Leitora da autobiografia de Rousseau, *Confissões* (1782), e, sobretudo, consciente de sua postura política, Simone faz de suas memórias um caso particular dentro do conjunto da existência humana (2018, p. 64). Sua narrativa autobiográfica se apresenta então na tensão entre problemas pessoais, dúvidas, estados afetivos e conflitos amorosos, e a condição histórica, sociológica e econômica impostas a milhares de indivíduos que viveram o mesmo período. Por meio de sua história, suas escolhas e liberdades, os leitores observariam o retrato de uma época, classe ou círculo social, como é o caso de *Memórias de uma moça bem-comportada* (2018, p. 65). Ao retratar sua infância e educação primária, de um lado, Beauvoir recupera seus anos de juventude, como também de toda uma geração; e do outro, escolhe situações e cenas que lhe possibilitam mostrar sua ruptura com os padrões burgueses, são elas, a falência do pai, a falta de dote para o casamento, a amizade com Zaza, sua amiga de infância, o amor não correspondido pelo primo, o incentivo à leitura de romances e a ida à Faculdade.

12 Tradução livre do trecho: “o ser humano é fundamentalmente livre e é, conseqüentemente, na medida em que inventa livremente sua essência pela existência que conduz”.

Nestas negociações entre a importância da narrativa da vida privada e sua articulação com o contexto histórico, tensão que poderia ainda ser expressa entre os conceitos filosóficos liberdade (individual) e situação (política, econômica e histórica na qual o indivíduo se insere); tal ambiguidade da existência humana apresentadas nas autobiografias de Simone, conduz Garcia a concluir que sua escrita pessoal está inserida dentro das proposições existencialistas. Todavia, pontua que este projeto filosófico de escrita de si se concretiza somente *no e pelo* testemunho literário. No ato de escrita, nesse momento presente em que repensa sua trajetória de vida, é que consegue articular as múltiplas experiências e vivências com o conjunto de sua obra intelectual. Trabalho de escrita que vai além da organização e coerência dos fatos vividos, a filósofa também elabora as interpretações de sua produção. Cabe lembrar que no decorrer d'*A força da idade* e d'*A força das coisas*, Beauvoir relata o processo de produção de seus escritos filosóficos e literários bem como as críticas recebidas e suas interpretações frente a elas. Uma das críticas confrontadas ferozmente no epílogo do terceiro volume de sua autobiografia diz respeito a sua relação com Jean-Paul Sartre. Por diversas vezes, acusaram sua produção de ser pensada e redigida por ele; críticas refutadas com a constante presença dele ao longo do livro, inclusive recorre-se *A força das coisas* para coletar informações sobre Sartre nesses anos do pós-guerra; e com a reiteração da parceria pessoal, política e intelectual do casal.

É na escrita de si, neste espaço onde Beauvoir pode relatar, filtrar, selecionar e ordenar suas experiências, determinar suas leituras e responder ao público, que Annabelle Golay identifica construções de si que extrapolam os seus projetos políticos e/ou filosóficos. Para ela, o que importa na produção autobiográfica beauvoiriana é o ato de escrita, de reapropriação de si, ou ainda de reconhecer-se no mundo a partir do reconhecimento de si (GOLAY, 2013, p. 16). Assim mais importante do que encontrar ressonância de suas memórias em outras produções filosóficas ou políticas, Golay nos chama a atenção para o exercício reflexivo que vem com a escrita e como ele ressignifica tanto a história de vida quanto o conjunto da produção de Beauvoir. Dessa forma, vida e obra como também relatos de viagem e relatos de si se articulam na medida em que a própria autora possibilita tal aproximação em narrativas, cujo relato pessoal almeja transpor-se a uma história universal.

Considerações finais

Se no ato de escrita revelam-se estas construções de si e o projeto de vir a ser de Beauvoir, pode-se inferir, igualmente, que seu relato da viagem ao Brasil não se constrói anteriormente ou durante a estadia de dois meses aqui; ao invés disso, forma-se no momento de produção d'*A força das coisas* e, portanto, é moldado de acordo com as intenções da obra. São descrições do país que carregam adjetivos, explicações, críticas e julgamentos com o intuito de expor uma determinada figura de Simone de Beauvoir: a intelectual de esquerda, militante feminista e companheira de Sartre; imagens que se encaixariam, do mesmo modo, com a postura esperada de um intelectual consciente dos conflitos mundiais como também da sociedade francesa que, neste momento, presenciava a perda da hegemonia de seu país frente à independência de antigas colônias na África e Ásia.

Referência bibliográfica

APPOLLONIA, A. C. *Histoire politique des intellectuels en France (1944-1954)*. Bruxelles: Éditions Complexe, 1991.

BEAUVOIR, S. *A força das coisas*. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BRESCIANI, M. S. Imagens de São Paulo: estética e cidadania. *Anais do Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, pp. 465-474, 1996. Disponível em: <http://www.unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/452/428>. Acesso em: 27 agosto 2019.

CALADO, E. A. de F. *Autobiografias de Simone de Beauvoir: sujeito, identidade, alteridade*. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2012

CANCELLI, E. *O Brasil na Guerra Fria Cultural: o pós-guerra em releitura*. São Paulo: Intermeios, 2017.

GALSTER, I. "Une femme machiste et mesquine". La réception des écrits posthumes dans la presse parisienne. In: _____. *Beauvoir dans tous ses états*. Paris: Éditions Tallandier, 2007, pp. 247-266.

GOLAY, A. M. *Beauvoir intime et politique: La Fabrique des mémoires*. Villeneuve d'Ascq, France: Presses Universitaires du Septentrion, 2013.

JEANNELLE, J.-L. La Force des Choses (Première partie). In: BEAUVOIR, S. *Mémoires*. Dir. Jean-Louis Jeannelle e Éliane Lecarme-Tabone. Paris: Éditions Gallimard, 2018.

MANON, G. Vivre la Philosophie: les Mémoires comme œuvre philosophique. *Littérature*, v. 3, n. 191, pp. 53-67, 2018. Lire en ligne: www.cairn.info/revue-litterature-2018-3-page-53.html. Consulté le 15 août 2019.

MARTIN, T. *Les récits de voyage dans l'oeuvre autobiographique de Simone de Beauvoir*. Paris. 2 vols. Thèse (Doctorat en Histoire et Sémiologie du Texte et de l'image). Université Paris Diderot, Paris, 2012.

MORKY, A. Division, valorization, réappropriation: une lecture des Mémoires au prisme du Deuxième Sexe. *Littérature*, v. 3, n. 191, pp. 28-40, 2018. Lire en ligne: www.cairn.info/revue-litterature-2018-3-page-28.html. Consulté le 18 août 2019.

POISSON, C. *Sartre et Beauvoir: du je au nous*. Amsterdam; New York: Editions Rodopi B. V., 2002.

_____. Constance d'une posture: de l'écriture comme tiers. In: LECARME-TABONE, Éliane; JEANNELLE, Jean-Louis (dir.). *Simone de Beauvoir*. Paris: Éditions de L'Herne, 2012.

TORRES, R. M. *Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagem de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951-1963)*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Recebido em: 30/Ago/2019 - **Aceito em:** 02/Dez/2019.